



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HENRIQUE DE ALMEIDA RODRIGUES OLIVEIRA

**FLAMENGOS DE VICENTE:**

as representações dos holandeses na ocupação de Salvador de 1624 na obra  
*Historia do Brazil*, de Frei Vicente do Salvador

RECIFE

2026

HENRIQUE DE ALMEIDA RODRIGUES OLIVEIRA

**FLAMENGOS DE VICENTE:**

as representações dos holandeses na ocupação de Salvador de 1624 na obra

*Historia do Brazil, de Frei Vicente do Salvador*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Kleber Clementino da Silva

RECIFE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

O48f Oliveira, Henrique de Almeida Rodrigues.  
Flamengos de Vicente: as representações dos holandeses na ocupação de Salvador de 1624 na obra Historia do Brazil, de Frei Vicente do Salvador / Henrique de Almeida Rodrigues Oliveira. - Recife, 2026.  
38 f.

Orientador(a): Kleber Clementino da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Batalhas - Salvador (BA), 1624. 2. Holandeses - Salvador (BA), 1624. 3. Representação. 4. Literatura brasileira - História e crítica 5. História - Estudo e ensino. I. Silva, Kleber Clementino da, orient. II. Título

CDD 909



BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. Kleber Clementino da Silva**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília de Azambuja Ribeiro Machel**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Albuquerque Dantas**

## Agradecimentos

Há uma frase resignificada por Fernando Pessoa que gosto muito: Navegar é preciso, Viver não é preciso. Certamente, segui navegando durante o processo. Nos trajetos pessoais da graduação, tive muitos imprevistos, percalços e dificuldades no geral. Comentei descontraído com colegas de profissão que depois de uma pandemia global, uma greve nacional e todos os problemas enfrentados de 2019 à 2026, eu só esperava por um cometa para me impedir de terminar a faculdade. Ainda assim, eu não poderia ter terminado sem metade do suporte, apoio e parceria de todos que estiveram presentes nesse período, seja de uma forma ou de outra.

Agradeço primeiramente à UFRPE, que possibilitou a abertura do programa PIC de 2024-2025, o qual me permitiu trabalhar, estudar e me apaixonar pela temática histórica e para além disso, deu espaço para que eu, em vários momentos, pudesse apresentar em simpósios e eventos, por vezes em outras cidades. Como diz o próprio Frei Vicente, é escrevendo a história que se cria a memória, e sigo seu ensinamento, pois essas pesquisas marcaram minha memória, nos seus momentos difíceis e nas próprias láureas.

Agradeço aos professores do curso de história os quais pude trocar conhecimentos pessoalmente, Suely Luna, Aurélio Brito, Lúcia Falcão, Humberto Miranda, Uiran Gebara, Mariana Dantas, Bruno Boto e Bruno Miranda, e em especial ao professor Kleber Clementino pela paciência eterna e suporte durante vários momentos do percurso. Sou eternamente grato por ter conhecido alguém tão profissional e por ter me aceito enquanto orientando na jornada. Também agradeço aos colegas do NEIC, historiadores em formação ou já formados, Arthur, Yan, Camylle, Katharina, Rafaella, Pedro e Lucas. Que a jornada de todos seja repleta de sucessos sempre.

Aqui, gostaria de lembrar meus amigos e colegas que estiveram comigo nas jornadas de trabalho diárias. Aos colegas que atuaram comigo no Museu do Estado, Ana Carolina, Humberto, Mário, Maria Clara, Beatriz, Rayssa, Raul e Samanta. Vocês são bons historiadores e fizeram melhor os dias de público e de ensino. Também agradeço à Maíra, por sua paciência e companheirismo. Por último, agradeço também à Matheus, Luciana (ou como sempre chamei, Lu) e Adilson.

Para três professores meus que durante o ensino médio me mostraram o prazer de ensinar: Prof. Rogério Lemos, por sua eterna paciência e apesar de uma área completamente oposta, me fez gostar de química mesmo assim; Prof. Ricardo Gomes, onde nas suas aulas me apaixonei como criança pela arte histórica e ao Prof. Felipe Genú, que somente depois de começar a ensinar aprendi muito do que ele quis dizer para mim há quase 7 anos atrás. Obrigado à todos por

formarem o profissional e pessoa que sou hoje. não seria metade disso sem a base que todos me deram.

Agradeço aos meus amigos da escola, do antigo e presente Clã da Boina, Matheus, Igor, Bruno e Pedro. Vocês sempre me lembram de rir nos piores momentos. Para meu colega da rua, Arthur, que apesar de distante, me faz pensar sempre nos tempos bons. Aos amigos do grupo do RPG, por manter a imaginação constante e sempre ativa. Para Gabrielle, minha parceira de viagens de volta para o Totó. Agradeço também aqueles colegas e parceiros da rural, que a vida levou para vários caminhos. Para meus amigos que estiveram comigo na graduação e para muito além, Clark, Anthony e Gabriel. Vocês são incríveis e espero sempre cultivar nossa amizade seja qual for o rumo.

Agradeço à meus avós, Lindalva e José; Edécio e Maria Ilza pelo apoio, amor e cuidado sempre. Agradeço a toda a família que esteve presente e me acompanhou durante a jornada, conversando, apoiando e discutindo nos mínimos momentos.

Para aqueles com quem divido um lar, Meu pai Gildo Oliveira, minha mãe Katarine de Almeida e minha irmã Luana Rodrigues. Eu não teria chegado onde estou sem vocês. Sou feliz por poder dizer que tenho uma família. Não teria vivido sem vocês e não teria conquistado o que tenho hoje se não fosse por vocês. Tudo que vocês fizeram e fazem por mim ainda voltará em dobro. Amo vocês imensamente e essa conquista é nossa.

Para minha parceira, minha parea, Luana Lopes, pelas correções, revisões e mais. Você me fez enxergar o amor e vivê-lo como nunca e me fez descobrir o quão bom é dividir a vida com uma historiadora. Obrigado por deixar meus dias mais leves sempre me irritando e me aperreando. Amo-te imensamente, sou grato por tudo, mas em especial, por salvar meus domingos.

Por último, para minha bivó luiza. Que você esteja vendo isto em paz.

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	
4	
<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	
7	
1. <b>Introdução</b> .....	
8	
2. <b>Da obra e da escrita</b> .....	
12	
3. <b>Dos Holandeses</b> .....	17
4. <b>Considerações finais</b> .....	
21	
5. <b>Referências Bibliográficas</b> .....	
23	
6. <b>Anexo</b> .....	27

# Flamengos de Vicente: as representações dos holandeses na ocupação de Salvador de 1624 na obra *Historia do Brazil, de Frei Vicente do Salvador*

## Vicente's Flemish: Representations of the dutch in the occupation of Salvador in the work *Historia do Brazil*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar as representações escritas dos Holandeses no tomo V da obra *Historia do Brazil*, escritos por Frei Vicente do Salvador. Diferente dos outros eventos históricos presentes no texto, como a ocupação no Maranhão por parte francesa, alguns dos eventos do último tomo são narrados pelo próprio autor, que experienciou a armada dos Flamengos na volta do Rio de Janeiro durante 1624. Esta pesquisa utiliza os conceitos de representação de Roger Chartier (1988) e por Denise Jodelet (1991), considerando o documento como perpetuação dos regimes históricos, ditos por Hartog (2003). Assim, podemos pensar como esses ideais formularam a obra e em comparação, moldaram o ideário sobre os invasores. Além dessas ideias, pensamos também como a obra enquanto documento ajudou a criar uma caracterização dos holandeses enquanto invasores, e em parte, fizeram parte da escrita histórica do Frei. Essa relação direta da política e do caráter religioso do documento pode nos explicar como enxergava o autor, sua posição frente aos eventos descritos e como sua posição pode ter tido influência na escrita.

**Palavras chave:** Batalha; Holandeses; Representação.

**Abstract:** This study examines the written representations of the Dutch people in Volume V of *Historia do Brazil* by Friar Vicente do Salvador. Unlike other historical events addressed in the text, such as the French occupation of Maranhão, the events in this final volume are narrated from the author's own experience, as he witnessed the return of the Flemish fleet on his way back from Rio de Janeiro in 1624. Drawing on theoretical frameworks of representation proposed by Roger Chartier (1988) and Denise Jodelet (1991), this research treats the document as an embodiment of the period's mentalities. It explores how these frameworks shaped the narrative and contributed to the construction of the invader's image. Furthermore, the analysis considers how colonial writings functioned as documents that influenced thought and culture and the friar's historiography. By examining the interplay between political context and the document's dogmatic character, this study sheds light on the author's perspective, his positioning toward the events described, and the potential influence of his stance on the writing itself.

**Keywords:** Battle; Dutch; Representations.

## Introdução

Devemos entender que o projeto de ocupação holandesa no norte brasileiro se deu antes da saída da Armada de Willekens chegar à cidade. Já existiam naus holandesas desde o século XVI rodeando o Brasil. No seguinte Capítulo XXXIV *De como foi o governador geral às minas de São Vicente, e ficou governando a Bahia Álvaro de Carvalho, e dos holandeses que a ela vieram* (Salvador, 2010, pág 109) em 1598. A tentativa de Conquistar a Bahia de Todos os Santos era uma outra forma de dominar o império do açúcar colonial português.

Os custos para tal empreitada não seriam poucos, muito menos, uma investida grandiosa contra a coroa da Espanha. Enfrentando uma série problemas financeiros causados por outros comércios na europa, ainda assim, a companhia enviou uma armada até o Brasil na tentativa de surrupiar o comércio de açúcar (Israel, 1995, pág. 480), a cidade é derrotada e capturada, e por um tempo, pertenceu à companhia.

Em 9 de maio de 1624 uma esquadra da *WIC* ataca Salvador. Durante todo aquele dia os canhões flamengos bombardearam a cidade, suas fortificações e os navios no porto. Em seguida, três naus neerlandesas desembarcaram tropas na Ponta de Santo Antônio. Os soldados portugueses que guarneciam o local fugiram apressadamente para a cidade, espalhando pânico entre a população. O governador Diogo de Mendonça Furtado tentou reagir, mas acabou cercado e preso pelos holandeses. Em menos de 24 horas a capital colonial estava inteiramente em poder dos invasores. Como aponta Evaldo Cabral de Mello, a perda da cidade também teve um impacto social forte, foi um ataque à própria fé católica portuguesa (2002, pág 50).

Junto ao ataque, traziam os enviados das províncias do norte um diferente furor religioso, muito comum no período moderno. Desde sua fundação, a *WIC* tinha uma mentalidade calvinista, devido aos seus diretores (Israel, 1995, pág. 499). Essa questão será um dos principais motivos para, em períodos posteriores, outras ações da companhia tomarem o sentido da preservação da fé, como a ocupação de Olinda e Recife em 1630. Este caráter religioso, trazendo um conhecimento mercantil junto à religião ao comum ao mundo barroco moderno, fará com que essa ação da companhia tenha sérios impactos nas mentalidades dos colonos brasileiros.

Apesar de ocuparem Salvador a partir de maio de 1624, os holandeses não conseguiram estabelecer domínio permanente na capitania. No fim de março de 1625 uma grande armada luso-espanhola de socorro, a chamada jornada dos Vassalos, a maior que cruzará o Atlântico até

então, chegou à Bahia. Após cerca de um mês de cercos e combates, a força conjunta conquistou a cidade em 1º de maio de 1625. Retomada a cidade, porém, as representações dos cantos dos vitoriosos, chegam a comparar dois grandes eventos no mesmo ano: Salvador e Breda. (Bertocchi, 2019, pág, 234)

Um dos problemas surge no momento em que, no contexto da guerra dos 30 anos, este episódio da história brasileira é tratado enquanto palco para eventos futuros, especialmente o período nasoviano em Pernambuco. Existia já em 1620 uma disputa clara de narrativas europeias, seja teológica, militar ou econômica. É nesta realidade de narrativas que muitas pinturas e escritos serão feitos<sup>1</sup> como o cartógrafo Benedictus Mealius em 1625, ou anos depois, com Juan Bautista Maíno em 1631. De uma forma ou de outra, como parte do contexto político, a disputa pictórica pela construção dos sentidos das batalhas transcendia as fronteiras das Províncias Unidas e da Monarquia Espanhola (Bertocchi, 2019, pág. 236).

Assim, ao ser tratado mais como prelúdio ao Brasil holandês do que como tema central, ignora-se alguns dos principais momentos da conjuntura estratégica e parte fundamental dos esforços da *WIC* no Brasil. Dos autores contemporâneos, como Bruno Romero Ferreira Miranda (2025) e Evaldo Cabral de Mello (2014), concentram-se sobretudo no ciclo de 1630 a 1654, citando a primeira invasão apenas como contexto estratégico militar-econômico. Em síntese, os estudos atuais destacam que a tomada de Salvador em 1624, embora breve, reforçou a preocupação ibérica na colônia e precedeu a invasão em Pernambuco.

Dito isso, notamos um entrave de ideias modernas, marcados essencialmente pelo caráter religioso e monarquista, mas que perpassa por toda a memória do período. No meio deste evento marcante, temos um narrador que esteve diante dos acontecimentos da cidade. Frei Vicente do Salvador em *Historia do Brazil* de 1627<sup>2</sup> descreve da vida, dos costumes, da geografia e da biodiversidade brasileira nos primeiros 127 anos de ocupação, dividido em 5 tomos. Natural de Matoim, filho de colonos portugueses, foi iniciado na ordem franciscana desde cedo. Foi Vigário geral até meados de 1600 quando entrou para a ordem dos frades menores, abandonando o clero

---

<sup>1</sup> A discussão sobre a representação pictórica dos eventos está muito ligada com o período dos flamengos aqui no Brasil, especialmente durante o período Nassoviano em Pernambuco. Neste sentido, estão ligados às discussões sobre soberania, memória e técnica. Sobre este tema, recomenda-se FERREIRA, Victor Bertocchi. **O Pincel de Marte**: as representações pictóricas da guerra entre neerlandeses e ibéricos no Atlântico (1621-1669).

<sup>2</sup> Esta é a possível data de término da escrita dos tomos, não de sua publicação. Sobre a publicação, ver OLIVEIRA, Maria Lêda. *A história do Brazil de Frei Vicente do Salvador: História e Política no Império português do Século XVII* - 2 Volumes. Rio de Janeiro: Versal, 2008.

secular e virando missionário pelas capitâneas do norte (Oliveira, 2008). Escreve duas obras principais, *Crônicas da custódia do Brasil* e o *Historia do Brasil*, das quais apenas a última chegou até nós.

Esta caracterização documental é uma forma de Retórica (Lachat, 2019) inspirado no arranjo do saber clássico português, e sua escrita bebe da construção aristotélica, como coloca o próprio Vicente no começo do *Historia*: “O motivo que teve Aristóteles para se divertir da especulação, a que o seu gênio e inclinação natural o levava, como consta da sua Lógica, Física, e Metafísica, e dar-se a escrever livros históricos e morais” (Salvador, 2010, pág 1).

O que interessa para nós desta obra é especificamente, o tomo V, onde são descritos os combates no Maranhão e a invasão Holandesa de 1624. Durante este evento, Frei Vicente é capturado numa volta do Rio de Janeiro e é feito de refém em uma das naus holandesas e fica quatro meses em alto mar. Após ser liberto, trata de descrever os eventos e personagens como Diego de Mendonça Furtado, Johan Van Dorth, as batalhas e as atuações dos próprios indígenas nesta disputa, além de várias informações mais sobre relatos e casos desse ano.

Este tema é especialmente interessante no sentido que, enquanto histórias e narrativas, mantém a *narratio* seiscentista inscrita em relações de sucessos, relações históricas e obras históricas entre 1625 a 1698 (Clementino, 2019). Nesse prisma, o limiar histórico da narrativa faz parte de uma construção do período de guerras do açúcar, e que diferente daquela travada em Pernambuco anos posteriores, retratando heróis e vilões, vitórias e derrotas, estes partem por vezes da narrativa do próprio autor franciscano enquanto observador do período.

Seria possível perceber a partir destes conhecimentos do livro um conjunto de consciências e valores que se estrutura uma sociedade, ou nas palavras de François Hartog (2003), um Regime de historicidade, neste caso, dogmática e religiosa. Essa tipo de regime pode ser percebido enquanto parte fundamental da obra e também na própria consciência dos homens, que exprimem seu reconhecimento enquanto sujeitos do texto.

Tendo isto em mente, levanta-se a questão sobre o autor: estava Frei Vicente querendo criar uma memória honrosa da batalha de Salvador? Por que, em outros casos no livro, não deixa de medir palavras para criticar os portugueses como diz “(...)pregassem o Evangelho livremente; e porque a cobiça dos portugueses tinha dado em cativar quantos podiam colher, fosse justa ou injustamente.” (Salvador, 2010, pág 45), mas nesse momento, traz a tona memória forte com que D. Fradique de

Toledo derrotou a armada flamenga. Com que elementos podemos identificar a criação dessa memória, se é que há um elemento de permanência para posteridade no documento?

Frei Vicente que sempre se inclui enquanto português pois “contra os outros, [...] todos os nossos” (Salvador, pág. 30), Se caso for de ele estar tentando criar uma narrativa de memória, e de algum futuro, que influência teria sua vida enquanto colono filho de portugueses, enquanto vigário geral e em certo momento, enquanto prisioneiro no navio holandês? Até que limite seria possível julgar os conhecimentos do autor baiano enquanto escritor para perpetuar sua visão de mundo?

De que maneira um membro franciscano conseguiu reunir tantos relatos e conhecimentos da batalha e ainda assim, colocá-los de forma narrativa para construir sua própria versão da conquista holandesa de 1624? Seria isso sintoma da tentativa de ter seu trabalho reconhecido e publicado em Portugal? Ou seria apenas uma parte subjetiva sua, ainda que intrínseca ao período colonial, que demonstra sua posição frente ao povo flamengo?

De toda forma, para as discussões do conceito de representação social também pensamos os relatos do tomo V a partir de Roger Chartier (1988), que designa que um fenômeno histórico vai muito além do simples objeto ou obra, está presente nas intenções e sentidos de determinado grupo e exprimem a forma de enxergar o mundo de forma simbólica e imaginária. Podemos pensar que esses povos passam por um longo filtro documental, subjetivo do autor, antes de aparecerem no livro, ou seja, estariam sujeitos à esta visão. De que forma estariam submetidos estas representações à uso dessas figuras como inimigos?

Discutiremos então, do modelo de escrita de Vicente e dos Franciscanos, de como sua escrita tem relação direta com os eventos políticos antes e durante a ocupação da cidade, buscando trazer a discussão sobre o uso dos documentos modernos e dos relatos de viagem (que também estão presentes no *História*), como Jornada ao Maranhão (1614), de Diogo do Campos Moreno e Tratado de Terras do Brasil (1589), de Pero Magalhães Gandavo. Tentaremos aqui ampliar algumas questões trazidas por Maria Leda Oliveira (2008) e da edição com comentários Capistrano de Abreu (1889).

Por fim, levantaremos as menções desse povo no livro, da sua maneira de estruturação do documento, como foram colocados e por que para responder à questão de: como eram vistos esses povos; e como se expõe para nós enquanto sujeitos narrativos da obra e como contribuem para a formação do documento.

## Da Obra e da Escrita

É preciso pensar, inicialmente, o que é o *História do Brasil*. Um grande documento que trata dos costumes, das vivências e da colônia e da época. Faz menção a mais de 25 povos indígenas do nordeste ao sul do território; às invasões por outros povos europeus e também ao período dos governantes principais dos séculos XVI e XVII, como Mém de Sá e Tomé de Sousa e suas governanças. Mas além disso, é um dos primeiros documentos de historiografia brasileira do período (Abreu, 1889). Surge no contexto da escrita franciscana<sup>3</sup>, requerido pelo chantre de Évora, Manoel Severim de Faria no início do XVII, já dito por Vicente no começo do livro “[...] havendo-me Vossa Mercê pedido um tratado das coisas do Brasil, lhe ofereço dois, leitura, que pudera causar fastio, [...] dera appetite.” (Salvador, 2010 pág. 2).

Durante o fim do séc. XVI, algumas das ordens que operavam no território, como a jesuíta e a franciscana, tinham forte influência do Tomismo e do pensamento aristotélico. A instrução da escrita franciscana era feita dentro das sedes, nesse caso em Salvador, e tinha como base de modo especial a instrução do conhecimento clássico, um potencial para o desenvolvimento intelectual dos noviços e para a catequese do mundo laico, especialmente no Novo Mundo. (Oliveira, C.M., 2024, pág. 9).

As obras religiosas têm, por isto, papel fundamental na fundação e escrita desses documentos. A Ordem dos Frades Menores, da qual Vicente fazia parte desde 1599, diferia da Companhia de Jesus, que naquele período já entendia o papel da atuação da fé no compromisso com as almas do Brasil. Por isso, os jesuítas passaram a exigir dos provinciais a elaboração de relatos narrativos amplos, com o propósito de organizar os acontecimentos verídicos e refletir sobre a utilidade da história (Oliveira, 2008, pág. 74).

---

<sup>3</sup> Não cabe a nós explicar por inteiro o tema da escrita franciscana, seja ele da sua relação com a arte barroca, com a criação seráfica, ou mesmo do teor religioso-teórico de muitas das obras da época. Neste trabalho, abordaremos apenas a questão da autoria, da relação entre o autor, a obra e suas prospecções de futuro. Dito isto, algumas obra são recomendadas para melhor se aprofundar; a primeira é para um contexto mais geral sobre o tema do que é o Barroco e uma reflexão sobre sua concepção é em primeiro; PANOFKSY, Erwin. **Gothic architecture and scholasticism**. Cleveland: Meridian book , 1951.para melhor discutir a ordem dos frades menores, sua atuação e alguns dos impactos dessas questões diretamente no nordeste do Brasil JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria, **Orbe seráfico, novo basílico**: crônicas dos frades menores da Província, São Paulo, 2025. por último, OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. **Circulação da cultura do Barroco entre os franciscanos na Província de Santo Antônio do Brasil**: Emblemática e discursos iconográficos (Salvador – Século XVIII). MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 3, p. 26–56, 2024.

Os franciscanos em muito catalogaram as suas andanças como parte fundamental das construção de uma rede de informações entre si (Megiani, 2007). Era comum haver conhecimentos replicados, extraídos, redigidos ou citados em vários de seus textos, o que não é diferente para o autor. Diz Chartier “A noção de autor não é uma categoria universal e imutável; ela é uma construção histórica, ligada a determinadas formas de produção, circulação e apropriação dos textos” (1999, p. 30). Com isto, Podemos inferir duas coisa; primeiro, o texto não seria assim, somente formado por ideias de Frei Vicente enquanto sujeito, é apenas prova de uma das longas filtragens de materiais que ele teria tido contato durante o período; segundo, isto é também prova que os métodos franciscanos de escrita eram assim, ligados com a tradição secular, como diz Panofsky que cada realidade cria seus meios de expressão e reconhecimento (1991, pág 23).

Sendo este um tratado de coisas do Brasil, recolheu o autor diversos relatos de viagem. Relatos estes que foram comuns na construção de narrativas e documentos do período (Mello, 2002). Suas passagens estariam no seu livro *Crônicas de Custódia do Brasil*, que nunca chegou em cópia física até nós, mas que muito possivelmente reuniu os relatos de viagem que fez entre 1600 e 1603. Para Capistrano de Abreu (1889), a obra teria funcionado como um complemento ao processo de redação da *Historia do Brazil*. Ainda assim, carregava características próprias de um relato de vivências de um colono, sobretudo porque Frei Vicente do Salvador teria tido contato com outros relatos de frades espalhados pelo país.

O estudo realizado por Capistrano no século XIX apresenta um tema relevante, especialmente no que diz respeito à sua historicidade. Embora reconheça os escritos do autor, como o *Crônicas* e, posteriormente, o *História do Brazil*, como produções singulares, seu olhar sobre o frade e sobre o conjunto documental demonstra uma busca por exaltação nacional que não se encontra efetivamente no texto original. Apesar do esforço de tentar separar as duas, citando Varnhagen, ainda falha. Como coloca: “Considerar a Crônica da Custódia primeira parte desta História, como fez Varnhagen, é esquecer o tamanho das duas, as datas das respectivas composições, o intuito bem definido de cada uma.” (Abreu, 2010, pág. 40)

Já Maria Leda de Olivera (2008) crê que, apesar das obras muito possivelmente terem bebido das mesmas bibliografias, escritos e conceitos, já que foram feitas em períodos parecidos e terem supostamente relatos idênticos do autor, não necessariamente um surgiu do outro, e que inclusive, diziam ser bastante diferentes. Segundo a autora, também era o *Crônicas* muito mais algumas cartas e

relatos das viagens do autor do que o *Historia* (Oliveira, 2008, pág 40). Seja qual for a maneira, o livro surge na intenção de relatar e descrever o:

favor tão grande para escritores de histórias, que se pode dizer, e assim é, que aos mortos da vida, ressuscitando-lhes a memória, que já o tempo lhes tinha sepultada, e aos vivos excita, dá ânimo e fervor, para que saiam à luz com seus escritos, e **folgue cada um de contar, e compor sua história**” (SALVADOR, 2010, Pág. 2)[Grifo nosso].

Mas então porque dar o nome de *Historia*? Por que não causas, relatos ou qualquer outro nome? A resposta é porque o autor entendia que a história era, além dos fatos, feita dos conhecimentos daqueles que a escrevem. Vide sua citação de Ovídio logo na sua dedicatória da primeira página: “*scribentem juvat ipse favor, minuit que laborem Cun-ique suo crescens pectore ferve opus*” (Salvador, 2010, pág. 1)<sup>4</sup>. É Neste sentido que a narração da História tem um caráter essencialmente subjetivo, pois parte do historiador integra a veracidade dos contos verdadeiros com o conhecimento principal da Retórica. Assim, a Memória é entendida como o conhecimento do passado para boa governança dos homens, mas também especialmente do pensamento aristotélico, separando a história da poesia.

O tomo V é então fruto o autor trata de, cronologicamente, interpretar os acontecimentos da batalha baiana. É então possível afirmar que, sem o conhecimento do fazer histórico do mundo moderno (Megiani, 2019), o texto de Frei Vicente não teria sua devida completude. Para mais do que menções como “Virgem sacratíssima Senhora Nossa[...] Favoreceu *sinhaladamente* aos que estavam”. (Salvador, ) ou quando faz seu capítulo descritivo XXIV *Da armada que Sua Majestade mandou a socorrer e recuperar a Babia e dos fidalgos portugueses que se embarcaram*. (Salvador, pág 1).

A narrativa histórica moderna não é apenas elemento do texto, é uma técnica, forma essencial para o estilo de escrita. Isso por si também estaria ligada com o modelo de escolástica portuguesa do período, que em si teria uma grande ligação com o conhecimento italiano (Megiani, 2019) sobre história, que circulavam em Évora e Coimbra, o último sendo um dos locais de viagem do Frei.

Como Roger Chartier pontua, as representações sociais estão diretamente subordinadas aos conceitos, ideias, e culturas de um tempo (1988, pág 131). O texto de Vicente é intimamente ligado aos métodos de escrita franciscanos, como discutimos brevemente sobre uso da retórica e do seu pensamento histórico e, neste caso, da própria representação das figuras presentes no documento.

---

<sup>4</sup> “O favor ajuda o escritor, alivia-lhe o trabalho, anima-o, e dá-lhe fervor a sua obra”

Pensá-lo fora da continuidade dos eventos históricos presentes seria ignorá-lo parcialmente. A escrita está diretamente ligada à mentalidade colonial, e como pontuamos, a preservação da memória estava imbuída nesta tradição.

Textos como este possuíam objetivos, forma, direcionamento, serviam a um interesse político específico. E apesar de temas conflitantes no seu meio, como a escravidão, guerras e religião, pontua Kleber Clementino (2016), estas ideias não estruturam, conscientemente, um debate acadêmico de pólos opostos, antes convivem como preceitos manuseáveis pelos eruditos. Eram tempos de crise, de uma sociedade em transformação: não estranha que seus discursos sobre o passado se fundassem em uma epistemologia fluida, negociável.

Neste meio, a história que surge do conhecimento clássico e das narrativas e relatos mistura-se para completar o *Historia do Brazil*. Entendia o autor baiano que para um obter um bom texto deveria ter um objetivo, uma parcela de sua opinião como parte integral da argumentação histórica do período. Isso é fruto do *Narratio*<sup>5</sup>, parte da *Ars Histórica* dita por Agostinho Mascardi (1636). Como bem pontua Lachat “E, para assim persuadir instruindo o auditório, a *narratio* dever ter três qualidades modelares: brevidade (*brevitas*), clareza (*dilucidus*) e credibilidade (*credibilis*)” (2019, Pág 68.). O *credibilis* é a corda que amarra toda a narrativa, mas, a incerteza dos fatos deve ser suprida com os argumentos, visões e posicionamentos daquele a quem a escreve. O próprio Manoel Severim de Faria conhecia estas discussões, e sabia que as discussões da Historiografia estariam na catalogação deste passado. (Megiani, 2007).

O chantre de Évora teve papel importante na vida de Vicente, sendo ele quem solicitou a documentação. Para além disso, durante 1624 e 1625, recebeu inúmeros relatos de casos da guerra em Salvador, inclusive do próprio Frei de Salvador, como caso em que o próprio diz:

Aqui confesso eu minha insuficiência *pêra* poder relatar os júbilos, a consolação, a alegria que todos sentíamos em ver que nos púlpitos, onde se haviam pregado heresias, se tornava a pregar a verdade de nossa santa fé católica, e nos altares, donde se haviam tirado ignominiosamente as imagens dos santos, as víamos já com tanta reverência restituídas, e sobretudo víamos já o nosso Deus em o santíssimo sacramento do altar, do qual estávamos havia um ano privados, servindo-nos as lágrimas de pão de dia e de noite, como a Davi

---

<sup>5</sup> *Narratio* nada mais era do os preceitos utilizados que surgem da escrita Barroca. Uma série de métodos que ligados em si davam coesão e criavam o saber histórico fundamental a todo texto. Uma de suas principais menções é por Agostinho Mascardi, que vem posterior a obra vicentina postular sobre os usos da História. Essa é uma das várias discussões sobre o que era fazer História no século XVII, e como ele, tínhamos também Luis Cabrera de Córdoba, que escreve *de história, para entenderla y escribirla*. Aqui nossa discussão é sobre como Vicente se utiliza dessas ideias, não necessariamente do conceito, para criar o *Historia do Brazil*. Sobre este tema, ver MEGIANI, Ana Paula Torres; CERQUEIRA, André Sekkel. **Como se escrevia a história no século XVII: o uso dos tratados espanhóis, italianos e franceses pelos historiadores portugueses**. Rev. Hist. (São Paulo), n. 179, p. 1-32, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/14586>.

quando lhe diziam os inimigos cada dia: Onde está o teu Deus? (Salvador apud. Megiani, 2007, pág. 405)

As cartas trocadas entre ambos revelam uma ampla rede de cartas que configuram a troca de conhecimento entre indivíduos durante o século XVII. (Megiani, 2007) Esta amplitude pode ser sentida também quando o próprio autor traz relatos e conhecimentos que não são de sua autoria, mas sim, uma mimesis do conhecimento. Aqui, pensamos a ideia de uma cópia não como uma réplica, mas uma síntese historicizante, uma seleção interpretativa dos elementos descritivos que organizam e dão sentido à uma sociedade (Auerbach, 1953).

Podemos perceber isso em exemplo no que diz Pedro de Magalhães Gandavo, autor da famosa frase “Sem lei, nem rei nem fé” (2008, pág 65) em seu Tratado da Terra do Brasil (1589), no capítulo “da condição e costumes dos índios da terra”:

Estes índios são *mui* belicosos e têm sempre grandes guerras uns contra os outros; nunca se acha neles paz nem é possível haver entre eles amizade; porque umas nações pelejam contra outras e matam-se muitos deles, e assim vai crescendo o ódio cada vez mais e ficam inimigos verdadeiros perpetuamente. (Gandavo, 2008 pág 67)

Reforça-se a ideia do “índio” inimigo, fomentando a colonização. Vejamos o que diz o Frei de Salvador no seu capítulo décimo segundo do tomo I “da origem do gentio do Brasil, e da diversidade de línguas que entre eles há”:

Nenhuma fé tem nem adoram a algum Deus; nenhuma lei guardam, ou preceitos, nem tem rei que lha dê, e a quem obedeçam, senão é um capitão, mais para a guerra, que para a paz, o qual entre eles é o mais valente e aparentado; e morto este, se tem filho, e é capaz de governar, fica em seu lugar, senão algum parente mais chegado ou irmão.” (Salvador, 2010., pág. 16).

Esta é apenas uma das inúmeras passagens que o autor utiliza diretamente de outros escritos do período. O exemplo dos povos indígenas é apenas um desses excertos. Novamente, Roger Chartier (1988) pontua que, a autoria dos livros e escritos vai muito além de quem o escreveu, mas na realidade, autor não necessariamente é uma figura isolada, possui uma função histórica, já que esse conhecimento não é abstrato, e sim, compartilhado por vários outros sujeitos antes da obra final. Ou seja, Vicente não é uma figura separada de seu tempo, possui uma série de sujeitos e atores completamente atrelados *Historia do Brazil* especialmente um livro grandioso que trazia a própria história de mais de 120 anos de ocupação do território colonial.

O que podemos inferir após isso é que este título da obra não poderia melhor descrever os tomos contidos. Do exemplo dos povos indígenas, ou das discussões sobre os governadores gerais, todos possuem um caráter cultural já que isso é essencialmente parte da construção histórica presente no documento. A obra de Frei Vicente do Salvador configura-se como um documento multifacetado, que mobiliza os recursos da didática, da dialética e da tradição escolástica portuguesa no contexto colonial. Ela abarca uma extensa gama de questões do mundo ultramarino ibérico, reflexo tanto da vastidão da própria obra quanto do conhecimento, direta e indiretamente, acumulado pelo autor, que viria a falecer poucos anos após concluir seus tomos. Dito isto, de que forma foram colocados os povos holandeses? De que maneira foram descritos os episódios da ocupação holandesa?

### **Dos Holandeses**

A primeira menção desses povos aparece, no livro IV, onde naus holandesas aparecem na Bahia em 1599 (Salvador, op. Cit, pág. 109). O conhecimento das naus holandesas, na realidade, não era incomum. O interesse da companhia no comércio de açúcar brasileiro é provado com a fundação *WIC* em 1621, tornando-se verdadeiro quando a ocupação acontece efetivamente.

Já se sabia que a defesa da Coroa portuguesa seria um papel principal para os colonos. Na defesa da colônia, e Vicente entendia isso. Sabia dos variados problemas da coroa, inclusive, chega a apontar durante o começo do livro quando vai tratar da chegada do novo governador Diego de Mendonça que viria em 1624 “por se haverem acabado as pazes ou tréguas entre Espanha, e os holandeses, se esperarem novas guerras nestas partes *transmarinas*, que estas são sempre as que pagam por nossos pecados.” (Salvador, op. cit. pág 136). A guerra pelas colônias de Portugal não era algo incomum. O próprio tomo V fala, além da queda de Salvador dos combates com os franceses no Maranhão. (Id. *ibid.*, pág 126). Contudo, manter o controle do comércio e das estruturas do império português não era algo fácil, especialmente pela dependência que tinha a coroa de fatores específicos de cada região (Boxer, 2002).

O interesse por esse comércio ia muito além de um conflito mercantil, também é um embate de fé entre o catolicismo e os protestantes, como veremos a seguir. A fixação holandesa no litoral nordestino não era acidental, mas sim o cerne de seu cálculo econômico: controlar as capitâneas produtoras de açúcar significava tomar de assalto um dos bens valiosos do mercado europeu da época. Contudo, a natureza essencialmente extrativista e belicosa da *WIC* deu lugar à um conflito

violento que ajudou a desestabilizar os movimentos da Companhia nos próximos anos (Miranda, 2011). A empreitada militar tornou-se insustentável devido a pressões internas, mas além de tudo, a catástrofe da perda da cidade para a armada de D. Fradique de Toledo.

Em que ponto o frei se encaixa nisso? No episódio da conquista, o próprio frei diz que faz “menção do Rio de Janeiro como testemunha de vista, porque ainda então lá estava.” (Salvador, 2010, pág 141). Só vai chegar na capitania meses depois, e na realidade, mal vai conseguir chegar. Voltando de viagem do Rio de Janeiro, já sabia da possibilidade dos assaltos na terra e nos mares por parte dos holandeses. É capturado e acaba entrando em seu livro:

Vinham também quatro religiosos de S. Bento, e eu, e meu companheiro da ordem do nosso padre S. Francisco: Amanhecemos aos 28 de maio da dita era de 1624 na ponta do morro de S. Paulo, que é por onde se entra na primeira boca da Bahia [...] de tal sorte que meu companheiro por melhor arriscar-se a ir a nado, o que eu ainda que quisera não podia fazer, porque quem não sabe nadar vai-se ao fundo, e assim estive na prisão do mar quatro meses.” (Salvador, 2010, pág 150)

O cenário que passa a ser descrito por Frei Vicente é o de uma colônia inserida à força em um conflito global. Como ele mesmo registra, a presença de naus holandesas na costa brasileira era fato conhecido desde fins do século XVI, uma evidência dos laços comerciais que, até então, beneficiava ambos (Mello, 2002). Contudo, o contexto de união das coroas alterou radicalmente essa dinâmica. O embargo comercial decretado pela monarquia filipina, que proibiu o comércio com portos holandeses, cortou o fluxo vital do açúcar brasileiro para a Europa, onde os neerlandeses atuavam como financiadores, transportadores e refinadores cruciais.

O ataque a Salvador em 1624, portanto, não foi um ato de pirataria isolado, mas a execução de uma estratégia corporativa. É neste ponto que percebemos uma dualidade fundamental na narrativa. Aceita a derrota da cidade em tom sóbrio no fim de um dos capítulos “enfim se perde tarde ou cedo, e às vezes em ocasião de menos honra.” (Salvador, op. Cit., pág 142) possivelmente por suas experiências de vida, cativo por 4 meses em nau holandesa. Mas, a queda da capital é marcada por um tom de incredulidade e crítica à negligência local. Os relatos corroboram que, apesar de alertados, os defensores portugueses foram pegos de surpresa por um despreparo que o frei, como testemunha ocular e parte interessada, atribui a uma falha moral e administrativa mais ampla. Diz em passagem da busca de auxílio de Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco

“Desta desordenada vinda, e cometimento da cidade ficaram os nossos portugueses desenganados demais poderem cometer” (id. Ibid. pág 145).

A eficiência militar holandesa, embora descrita como uma força estranha e hostil, serve em sua narrativa para realçar ainda mais a desorganização luso-brasileira. Esta força militar parece algo fora da realidade. Coloca ao tratar de um dos vários conflitos do interior da capitania:

Houveram de assolar todas as fazendas de fora, e quando iam aos assaltos os animava, e exortava de modo que até os gentios selvagens, que de princípio andavam alguns nestas companhias, obrigava a irem com muita vontade, e esforço; logo se punha em oração pedindo a Deus lhe desse vitória, e quando com ela tornavam lhe dava graças, abraçava os soldados, e gratificou-lhes não só com palavras, mas com dádivas. (Salvador, 2010,. pág 152).

Para Frei Vicente, franciscano e intelectual e conhecedor das ideias da contra reforma católica, o conflito transcende em absoluto a mera esfera comercial ou política. Era, antes de mais nada, um embate de fé. O que estava em jogo ali para a igreja não era uma batalha por engenhos, aparelhos bélicos ou mais, na realidade era o próprio espírito das comunidades brasileiras. O “herege” calvinista é a fiel representação das discussões de falta de conexão com Deus que finalmente estariam se infiltrando no nosso território. Diz sobre a morte de Johan van Dorth, líder holandês da batalha “enterraram na Sé com a pompa, que costumam, muito diferente da nossa, porque não levaram cruces, música, nem água benta, senão o corpo em um caixão coberto de baeta de dó.” (Salvador, 2010, pág 145). Nos parece que o maior medo é que esses comportamentos se repetissem entre a população de fiéis portugueses.

A presença holandesa não significava apenas uma ocupação territorial, mas uma profanação do espaço sagrado católico. Essa profanação, agravada pela participação e combate dentro das ruas da cidade apenas fortaleceu o ideário do autor, que viu os resultados como um ataque à sua fé. descreve como as igrejas de Salvador foram convertidas em armazéns, adegas e enfermarias pelas tropas invasoras ou às vezes, até pior:

Da mesma maneira estavam profanadas todas as outras igrejas da cidade, porque a do nosso seráfico padre servia de armazém de pólvora e armas, e no dormitório morava um capitão, e companhia de soldados. A ermida de Nossa Senhora da Ajuda era outro armazém de pólvora. A Misericórdia também era sua enfermaria: e só na Sé pregavam, e enterravam os capitães defuntos, 168 que para os mais fizeram cemitério do Rocio, que fica defronte dos padres da companhia. E assim não houve outra igreja, que fosse necessária desviar-se senão a Sé, causa que as hereges sentiram muito, ver que desenterraram dois seus coronéis, e outros capitães, que ali estavam enterrados, e chamaram alguns para que mostrassem as sepulturas, e os levassem a enterrar ao campo, para se haver de celebrar a primeira missa *in gratiarum*

*actianem*, a qual cantou solenemente o vigário geral do bispado do Brasil, o cônego Francisco Gonçalves, aos cinco dias do mês de maio. (Salvador, 2010, Pág. 167)

A reconquista da cidade, liderada pela esquadra luso-espanhola de D. Fradique de Toledo em 1625, é narrada menos como uma vitória militar e mais como uma restauração sacramental, um ato de Deus para devolver a santidade ao povo de Deus e a pregação da "verdadeira fé" aos fiéis, mas que na realidade, serve como solene aviso aos governantes portugueses. Os diversos ataques no território já eram sentidos havia mais de 20 anos, portanto é compreensível que eles sejam representados enquanto inimigos endêmicos da coroa. Nessa perspectiva providencialista, somente a expulsão e a luta contra esses infiéis traria uma chance de glória para a fé católica:

Que Nosso Senhor tenha em sua glória [...] como confio em sua divina Misericórdia, e pelo que sei dele no tempo que estive nesta Bahia, que se confessava, e comungava cada semana, ouvia todos os dias missa, junto com ser muito esmoler, e outras virtudes, que como pedras preciosas, engastadas em fino ouro de sua nobreza, davam de si muito lustre. (Salvador, 2010, pág 174)

A experiência traumática da invasão da Bahia, porém, foi apenas o prelúdio. A *WIC*, fortalecida pelas enormes fortunas obtidas no saque da frota de prata espanhola em 1628, lançou uma expedição muito maior e mais determinada contra o coração da economia colonial: Pernambuco, o maior produtor mundial de açúcar da época. A conquista de Olinda e Recife, em 1630, iniciou um período de dominação que se estenderia por 24 anos e forçaria uma reavaliação mais complexa do "outro" holandês. (Mello, 2002).

Esta fase de relativa estabilidade e prosperidade, no entanto, não apagou a contradição fundamental e insustentável do projeto da *WIC*. A companhia era, acima de tudo, uma empresa de que demandava lucros, baseada fundamentalmente nas conquistas militares e no controle bélico (Miranda, 2011). O fim do domínio de Salvador revelou, se algo, que ela precisa de muito mais preparo antes do estabelecimento de bases, como fará nos anos posteriores.

Salvador passará a ser representada em frontispícios e notícias dos anos posteriores enquanto uma verdadeira cidade nos trópicos, quebrando a imagem de uma colônia esquecida ou sem grandes construções e chega inclusive a ser comparada com a grande reconquista de Breda. O próprio frei Vicente chama essa comparação de um “*estoutro* do Jubileu” e que dará este ano de 1625 “muitas Mercês a estes reinos”(Salvador, 2010, pág. 169).

Sua narrativa, portanto, é um documento indelével do impacto cultural e psicológico da invasão. Nela, o holandês é representado através de uma dualidade interligada do cunho dogmático e histórico da obra. É o herege profanador, do mais baixo soldado até o próprio general, cuja presença contamina o corpo político e espiritual da colônia, como uma praga.

É o responsável por provas ou erros da administração real portuguesa do território. Dito isto, a memória do conflito é também indubitavelmente a memória do documento, tal como ele a registra e em sua composição. Não serve apenas para descrever eventos passados, mas para instruir o presente e orientar o futuro, um guia moral e cristão, mas que se enquadra enquanto parte fundamental dos estabelecimentos das concepções sociais sobre os povo holandês do século XVII. É ele que prega por uma sociedade mais coesa, unida ao mesmo tempo que reclama as láureas da vitória sobre os holandeses na Bahia.

### **Considerações Finais**

O horror presenciado por Vicente por ver a destruição de parte da sua cidade, desacrando corpos, locais, e como já pontuamos, a própria fé católica portuguesa, é algo que transparece no documento. Sua memória sobre o evento, como foi dito, teve um impacto muito provavelmente sobre sua própria noção de mundo. afirma Maria Leda (2008 pág 13) que fim de sua vida, o frei teria visto o avanço do protestantismo sobre o território baiano, e talvez este seja o pesar do tomo V.

O sentimento logo ao fim da narração do capítulo XXII *de como os holandeses tomaram a Bahia*, foi de tanto, pois como dissemos, diz ele ser de “Menos honra” (Salvador, 2010, pág 142). Há um tom macabro, marcado pelo perjúrio da derrota, pois tinha visto sua cidade cair. Ainda assim, no capítulo anterior, faz questão de enfatizar as novas construções que estariam prontas para a defesa da Baía de Todos os Santos, pois fala *Das fortificações, e outras boas obras, que fez o governador Diogo de Mendonça Furtado na Bahia [...]*(Salvador, pág. 141). A vitória não teria vindo de forma fácil, e cada uma das pequenas batalhas parece ter sido dita minuciosamente, o que não cabe aqui destrinchar cada qual.<sup>6</sup> O que podemos dizer sobre a vitória de D. fradique de Toledo e da sua armada? o que diz Frei Vicente, além de uma cronologia e um discurso retórico?

---

<sup>6</sup> Do capítulo XXII até o XLIII do tomo V, inúmeros embates são mencionados, das menores incursões em terra, até os combates e capturas de navios. De uma forma ou de outra, a quantidade de nomes de locais, sujeitos e eventos não caberiam neste trabalho. Não queremos defender que o autor seria um escritor que acreditava na história fio da espada, apenas um relator dos acontecimentos.

A forma como autor baiano demonstra isso é certamente clara, estando muito feliz e poder ver os inimigos serem expulsos como diz depois envio de tropas “Não se poderá ver maior demonstração do amor de Sua Majestade à coroa de Portugal, pois sem consulta do estado, só pela do amor, foi servido de seu moto-próprio formar um real decreto tão favorável a esta coroa.” (Salvador, pág. 174). Já discutimos sobre como a história e a memória fazem parte da narrativa enquanto elementos constitutivos do livro e este “amor” era uma forma que tinha o Frei de agradecer ao rei da Espanha pela retomada da cidade.

O que para nós se apresenta é um retrato do território áureo, de uma grande cidade, com grandes forças de ambos os lados disputando por uma capital que para o autor seria centro do Brasil “como coração dentro do corpo” (Salvador, pág 40). E não mede palavras para exaltar o território pois

é digna de todos os louvores a terra do Brasil, pois primeiramente pode-se sustentar com os portos fechados, sem socorro de outras terras. [...] Se me disserem que não pode sustentar-se a terra, que não tem pão de trigo, e vinho de uvas para as missas, concedo, pois este divino Sacramento é nosso verdadeiro sustento, mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil. (Salvador, 2010, pág. 15)

Como havíamos dito, chega a comparar com a vitória em Breda. Acreditava que o modo como os portugueses haviam ganho fora honroso, e a fé e a oração havia ganho no fim. “enganados vivem os homens, que põem a sua confiança nas forças e indústria humanas[...].”(Salvador, pág 166.) e assim teriam sido derrotados por confiarem demais apenas no conhecimento militar, entendido como as “indústrias humanas” se esquecendo da santidade. Esta afirmação é fruto, como colocamos anteriormente, do modelo tomista da salvação (Megiani, 2019) presentes nos documentos de história portugueses do século XVII.

É interessante pensar o ponto, pois diz também que todos moradores além de dar graças à Deus dar “por isto as graças, as dávamos também ao nosso católico rei por haver sido por meio de suas armas o instrumento deste bem.” (Salvador, 2010, pág 168). O que teria isto significado? Não se trata de um caso de hipocrisia, muito distante disso, é uma expressão de um colono que buscava exaltar o nome do rei da Espanha e trazer a atenção para sua cidade, para sua localidade. Frei Vicente sempre se dispôs como colono, como súdito *del-rei* Felipe III e nada mais faz do glorificar o nome e seus súditos.

Uma das questões principais que levantamos durante as discussões foi se Frei Vicente

gostaria de criar uma memória heróica da defesa de Salvador e de que forma ou maneira poderíamos ver isso. Na realidade, pudemos observar um autor franciscano que parecia ter preocupações com a fé dos colonos, e com o destino que tomaria ela caso a cidade não fosse reconquistada. Sendo ele um historiador de seu tempo, sabia de outras invasões do território, vide todo seu livro.

Entendia que se não fosse o caso, *el-rei* teria muitos problemas a longo prazo, mas além de tudo, a escala com que fala da empreitada parece ser muito maior. Para além de uma representação social (Chartier 1988), de herege ou inimigo do povo holandes, a cidade de Salvador aparece como uma grande fronteira contra esses inimigos, e inclusive, que tem apoio dos governadores das capitâneas como foi o caso do envio de tropas de socorro vindas de Pernambuco.

Das muitas glórias que dá aos governantes, como ao Diogo de Mendonça Furtado, ao bispo d. Marcos Teixeira, a quem “elegue o povo” (Salvador, pág. 144) e coordenou as tropas preso seu antecessor, e também a eventual armada que chega de Portugal e Espanha de D. Fradique para derrotar os holandeses, consideramos também falar das breves ou poucas menções que faz aos povos indígenas, essenciais para derrotar os ocupantes. Como parte do esforço de batalha, muitos desse sujeitos se aliaram a *WIC* na tentativa de garantir defesa que não tinham com os portugueses (Miranda, 2025) e o que menciona é o que ele faz menção apenas como aqueles “Gentios que com eles se meteram” (Salvador, pág 152).

Podemos dizer que Frei Vicente tentou criar em seu livro V um tomo especial para lembrar dos eventos que presenciou e mais ainda, uma cronologia desses acontecimentos, seguindo aquilo que conhecia. Essa documentação, obra fiel de história do século XVII, teve um caráter político ligado à ordem franciscana, à memória dos defensores da Bahia e honras aqueles que o autor julgava merecedor de respeito pelo rei de Portugal. Muitos deles foram esquecidos, como é parte da História, e assim como já citamos, sua obra só seria publicada no século XIX, já muito passado os acontecimentos daquela Baía de Todos os Santos. O que restou dessa memória que o autor viveu foi muito diferente de um nacionalismo, impossível para a época e para ele, mas sim uma homenagem da coragem que tiveram, segundo ele, o povo português em defender Salvador.

## Referências Bibliográficas

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: The Representation of Reality in Western Literature. Translated by Willard R. Trask. Princeton: Princeton University Press, 1953.

BOXER, Charles R. **O Império Marítimo Português**, 1415-1825. Lisboa: Edições 70, 2002.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. 2ª edição Difel, 1988.

CLEMENTINO, Kleber. **Política e historiografia nas narrativas lusocastelhanas seiscentistas da guerra holandesa no Atlântico Sul**. 2016. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

FERREIRA, Victor Bertocchi. **O Pincel de Marte**: as representações pictóricas da guerra entre neerlandeses e ibéricos no Atlântico (1621-1669). 2019. 332 f. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências, 2019.

GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil** : história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

LCHAT, Marcelo. **Como se narra a “História do Brasil” de frei Vicente do Salvador**. Letras: Edição Especial - Estudos poéticos e retóricos: novas perspectivas, v. 1, p. 59–88, 2019. DOI: 10.5902/2176148538049. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/38049> . Acesso em: 19 de dezembro de 2025.

ISRAEL, Jonathan. **The Dutch Republic**: Its Rise, Greatness, and Fall, 1477-1806. Oxford: Clarendon Press; 1995.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. **Orbe seráfico, novo basílico**: crônicas dos frades menores da Província do Brasil. São Paulo: Vozes, 2025

JODELET, Denise. **Madness and Social Representations**: Living with the Mad in One French Community. Berkeley: University of California Press, 1991.

MARAVALL, José Antonio. **A cultura do Barroco**: análise de uma estrutura histórica. Tradução de Guilherme Simões Gomes Jr. São Paulo: Edusp, 2009

MEGIANI, Ana Paula Torres. **Das palavras e das coisas curiosas**: correspondência e escrita na coleção de notícias de Manuel Severim de Faria. Topoi: Revista de História, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/5Pxxv7NSRB98CVbTSEFMzFhKw/?lang=pt> . Acesso em: 25 de outubro de 2025.

MEGIANI, Ana Paula Torres; CERQUEIRA, André Sekkel. **Como se escrevia a história no século XVII: o uso dos tratados espanhóis, italianos e franceses pelos historiadores portugueses**. Rev. Hist. (São Paulo), n. 179, p. 1-32, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/145867>. Acesso em: 17 jan. 2026

MELLO José Antônio Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos**: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks / UniverCidade, 2001.

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. **Gente de Guerra**: Origens, cotidiano e resistências dos soldados da companhia das índias ocidentais. Leiden University: 2011.

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. **A representação dos Potiguara na Assembleia de Tapessericá (1645)**: estudo e tradução de um escrito indígena das Guerras do Açúcar. Recife: Boletim do museu Paranaense Emilio Goeldi, 2025.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. **Circulação da cultura do Barroco entre os franciscanos na Província de Santo Antônio do Brasil**: Emblemática e discursos iconográficos (Salvador – Século XVIII). MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 3, p. 26–56, 2024. DOI: 10.20396/modos.v8i3.8676599. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8676599> . Acesso em: 17 de janeiro de 2026.

OLIVEIRA, Maria Lêda. **A história do Brasil de Frei Vicente do salvador**: História e Política no Império português do Século XVII - 2 Volumes. Rio de Janeiro: Versal, 2008.

PANOFKSY, Erwin. **Gothic architecture and scholasticism**. Cleveland: Meridian book , 1951.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brazil**: (1500-1627) - Ed. revista por Capistrano de Abreu. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

Anexos:



## INSTRUÇÕES PARA COLABORADORES

Somente serão aceitos trabalhos oriundos de pesquisa original que devem seguir rigorosamente as normas de publicação.

**No caso de divergências com as normas aqui explicitadas, o trabalho será recusado e arquivado.** O(A) autor(a) poderá submeter uma nova versão, devidamente corrigida, de acordo com o prazo estipulado pelos editores.

A *Temporalidades* publica:

- Artigos em fluxo contínuo (livres);
- Artigos em dossiês temáticos;
- Resenhas;
- Transcrições documentais comentadas;
- Traduções.

Todos os trabalhos são avaliados pelo sistema double-blind peer review.

A *Temporalidades* adota a licença internacional *Creative Commons* 4.0 (CC BY). **Não cobramos taxa para submissão ou publicação dos trabalhos.** A *Temporalidades* tem política de acesso aberto para fins não- comerciais e os direitos autorais são dos autores, com direitos de primeira publicação para a Revista.

### 1. SUBMISSÕES:

- A *Temporalidades* opera no Open Journal Systems (OJS-SEER). Toda colaboração deverá ser enviada pela plataforma de submissão. **Em hipótese alguma serão aceitos trabalhos submetidos via e - mail.** Formatos aceitos: Microsoft Word (doc e docx), Open Office ou RTF;

- Todos os colaboradores deverão realizar sua inscrição como **autor** e submeter o seu trabalho por meio do link “**Cadastro**” disponível no site:

<https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/index>.

**Ao submeter o seu trabalho, o(a) autor(a) deverá:**

- Aceitar os termos da Declaração de Direito Autoral;
- Escolher a seção a qual seu trabalho se destina (Artigo Livre, Dossiê, Resenha, etc.); **Remover a identificação pessoal no arquivo a ser enviado** de modo que a avaliação cega se estabeleça.

**1. Autoria:**

- A titulação mínima para autores de colaborações é graduando;
- As informações sobre os autores (nome, filiação, Lattes e e-mail) devem ser cuidadosa e obrigatoriamente preenchidas na área de “**Metadados**”. Estes dados serão consultados e adicionados ao trabalho, em caso de publicação. Sendo que, **apenas** o preenchimento do ORCID ID não é obrigatório. **É obrigatório o preenchimento do Currículo Lattes no espaço “URL”**. Para caso de autores estrangeiros, solicita-se a criação de cadastro na Plataforma Lattes. Sem o link do Currículo Lattes o processo editorial **NÃO** será iniciado;
- No campo “sobrenome” os colaboradores deverão preencher com o último nome obedecendo ao formato de citação, para que facilite os mecanismos de indexação e de referências bibliográficas ao seu trabalho.

Exemplo: Horta (sobrenome), José (nome) da Silva (nome do meio).

**2. TRABALHOS:**

- Devem ser originais, inéditos e não submetidos a nenhum outro processo editorial. A *Temporalidades* publica artigos escritos em **português, inglês ou espanhol**. Os textos em língua estrangeira não serão traduzidos;
- Artigos livres e para dossiê: devem ter no **máximo 25** laudas e no **mínimo 10**;
- Resenhas: **máximo 04** laudas e **mínimo 02** (ver item 6);
- Traduções: não há limite de páginas (ver item 7);
- Transcrição documental comentada: não há limites de página (ver item 8);

- Como a Revista Temporalidades adota o sistema AUTOR-DATA para configuração das citações nos trabalhos – que será explicado detalhadamente abaixo – as referências bibliográficas deverão constar no final do texto e as páginas não serão contabilizadas no valor máximo acima descrito. **Ressalta-se que referências bibliográficas são apenas os títulos utilizados/citados no texto.**

### 3. FORMATAÇÃO:

#### 1. Página:

- Margem superior e esquerda: **3cm**;
- Margem inferior e direita: **2cm**.

#### 2. Título e pré-textual:

- **Título em Português:** fonte *Garamond*, tamanho 20, negrito, centralizado, primeira letra maiúscula e demais em minúsculo (exceto nomes próprios), sem espaçamento entrelinhas e entre parágrafos;
- **Título traduzido em língua estrangeira** (fica a critério do colaborador se em Inglês ou Espanhol): fonte *Garamond*, tamanho 18, sem negrito, centralizado, primeira letra maiúscula e demais em minúsculo (exceto nomes próprios), sem espaçamento entrelinhas e entre parágrafos;

#### Obs.:

- Título em inglês apenas para artigos em inglês;
- Título em espanhol e inglês para artigos em espanhol.
- **Resumo:** o resumo deverá acompanhar as línguas escolhidas pelo colaborador; com máximo de 12 linhas (somente para Artigos e Transcrições Comentadas) e espaçamento simples. Logo, serão dois resumos, um em português e outro em língua estrangeira, seguindo essas normas;
- **Palavras-chave:** 03 (três) palavras nas línguas escolhidas pelo colaborador separadas por ponto e vírgula, com a primeira letra em maiúsculo e demais em minúsculo. (Artigos e Transcrições Comentadas).

### 3. Corpo do texto:

- Fonte Garamond, tamanho 12;
- Espaçamento entrelinhas 1,5;
- Espaçamento entre parágrafos “depois” 6pt;
- Primeira linha do parágrafo com recuo especial de 1,25cm;
- Nas referências bibliográficas o espaçamento é simples e entre parágrafos “depois” 6pt;
- Após título, subtítulo, resumos e palavras-chaves saltar uma linha no tamanho de fonte do texto anterior;
- Subtítulos e subdivisões: em negrito, sem numeração, recuo 1,5cm;
- Os títulos de obras citados no corpo do texto devem estar em itálico, sem aspas;
- Citações: se no texto, colocar entre aspas, sem itálico;
  
- Citações com mais de 3 linhas: sem aspas, recuo de 4cm, fonte 11, sem espaçamento entrelinhas,  
Espaçamento entre parágrafos “depois” 12pt;
- Interferências do autor nas citações devem estar entre colchetes;
- Supressão de texto com três pontos entre colchetes. Ex.: “A carta [de dom João V] determinava que os governadores das capitanias [...] ordenassem obediência às câmaras municipais”.
  
- Palavras estrangeiras e nome de instituições: em itálico e sem aspas;
- Citações em língua estrangeira deverão ser traduzidas, de modo que o original apareça no texto (trecho traduzido em nota de rodapé caso o original apareça no corpo do texto, ou o contrário, à preferência do autor).
- **Modelo de Artigo formatado:**

[https://drive.google.com/file/d/1zPZ\\_vhKxH1bJACOMNiKqL3\\_UvPcQ2\\_4Xo/view](https://drive.google.com/file/d/1zPZ_vhKxH1bJACOMNiKqL3_UvPcQ2_4Xo/view)

### 4. CITAÇÕES, NOTAS DE RODAPÉ E REFERÊNCIAS:

#### 1. Citações

- A Temporalidades adota o sistema AUTOR-DATA para configuração das citações nos trabalhos. Artigos estruturados em outros sistemas NÃO serão aceitos;
- Devem ser seguidas as normas da ABNT NBR-10520 para citações no formato AUTOR-DATA (tópico 6.3.) As normas seguem abaixo (mas também podem ser encontradas no seguinte link: < <http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/nbr10520-original.pdf> >);
- **Sistema AUTOR-DATA**

Neste sistema, a indicação da fonte é feita:

- a. pelo sobrenome de cada autor ou pelo nome de cada entidade responsável até o primeiro sinal de pontuação (em caixa alta); seguido(s) da data de publicação do document; e da(s) página(s) da citação. No caso de citação direta, separados por vírgula e entre parênteses.

### **Exemplos:**

#### No texto:

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular.” (LOPES, 2000, p. 225).

#### Na lista de referências:

LOPES, José Reinaldo de Lima. **O Direito na História**. São Paulo: Max Limonad, 2000.

#### No texto:

Bobbio (1995, p. 30) com muita propriedade nos lembra, ao comentar esta situação, que os “juristas medievais justificaram formalmente a validade do direito romano ponderando que este era o direito do Império Romano que tinha sido reconstituído por Carlos Magno com o nome de Sacro Império Romano.”

#### Na lista de referências:

BOBBIO, Norberto. **O positivismo jurídico**: lições de Filosofia do Direito. São Paulo: Ícone, 1995.

#### No texto:

De fato, semelhante equacionamento do problema conteria o risco de se considerar a literatura meramente como uma fonte a mais de conteúdos já previamente disponíveis, em outros lugares, para a teologia (JOSSUA; METZ, 1976, p. 3).

#### Na lista de referências:

JOSSUA, Jean Pierre; METZ, Johann Baptist. Editorial: Teologia e Literatura. **Concilium**, Petrópolis, v. 115 , n. 5, p. 2-5, 1976.

No texto:

Merriam e Caffarella (1991) observam que a localização de recursos tem um papel crucial no processo de aprendizagem autodirigida.

Na lista de referências:

MERRIAM, S.; CAFFARELLA, R. **Learning in adulthood**: a comprehensive guide. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

No texto:

“Comunidade tem que poder ser intercambiada em qualquer circunstância, sem quaisquer restrições estatais, pelas moedas dos outros Estados-membros.” (COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS, 1992, p. 34).

Na lista de referências:

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS. **A união européia**. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Européias, 1992.

No texto:

O mecanismo proposto para viabilizar esta concepção é o chamado Contrato de Gestão, que conduziria à captação de recursos privados como forma de reduzir os investimentos públicos no ensino superior (BRASIL, 1995).

Na lista de referências:

BRASIL. Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado. **Plano diretor da reforma do aparelho do Estado**. Brasília, DF, 1995.

- b. pela primeira palavra do título seguida de reticências, no caso das obras sem indicação de autoria ou responsabilidade; seguida da data de publicação do documento; e da(s) página(s) da citação. No caso de citação direta, separados por vírgula e entre parênteses.

**Exemplo:**

No texto: “As IES implementarão mecanismos democráticos, legítimos e transparentes de avaliação sistemática das suas atividades, levando em conta seus objetivos institucionais e seus compromissos para com a sociedade.” (ANTEPROJETO..., 1987, p. 55).

Na lista de referências:

ANTEPROJETO de lei. **Estudos e Debates**, Brasília, DF, n. 13, p. 51-60, jan. 1987.

- c. se o título iniciar por artigo (definido ou indefinido), ou monossílabo, este deve ser incluído na indicação da fonte.

### **Exemplos:**

No texto:

E eles disseram “globalização”, e soubemos que era assim que chamavam a ordem absurda em que dinheiro é a única pátria à qual se serve e as fronteiras se diluem, não pela fraternidade, mas pelo sangramento que engorda poderosos sem nacionalidade. (A FLOR..., 1995, p. 4).

Na lista de referências:

A FLOR Prometida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 4, 2 abr. 1995.

No texto:

“Em Nova Londrina (PR), as crianças são levadas às lavouras a partir dos 5 anos.” (NOS CANAVIAIS..., 1995, p. 12).

Na lista de referências:

NOS CANAVIAIS, mutilação em vez de lazer e escola. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jul. 1995. O País, p. 12.

## **2. Notas de rodapé (ou notas de pé de página)**

- Devem ser restritas ao indispensável; devem ser numeradas sequencialmente e elencadas ao final da página na qual foram mencionadas. Texto justificado, fonte Garamond 10, espaçamento simples.

## **3. Referências Bibliográficas**

- As referências bibliográficas deverão ser informadas, na íntegra, ao final do texto; devem ser feitas segundo as normas da ABNT NBR-6023 para referências, utilizando-se o modo negrito para destaque dos títulos. As referidas normas, bem como seus respectivos

exemplos de aplicação encontram-se no site <  
<http://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnbr6023.pdf>>.

## 5. IMAGENS:

- No momento da submissão do artigo, as imagens deverão ser anexadas em documento à parte, salvo no formato aceito pela Revista (doc/docx, RTF ou Open Office), com legenda adequada e serão submetidas como arquivo complementar (existe uma opção no próprio sistema durante o processo de submissão).
- A inclusão das imagens seguirá a norma ABNT NBR 14724, ou seja, todos os recursos visuais (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, imagens, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e tabelas) devem ser identificados na parte superior contendo:
  - a. palavra designativa em negrito, tam. 12 (Imagem, Gráfico, Tabela etc.);
  - b. número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos em negrito, tam. 12 (Imagem 1, Gráfico 3 etc.);
  - c. respectivo título e/ou legenda explicativa sucinta, tam. 12.
- As imagens devem incluir fonte com referência bibliográfica completa (devem ser colocadas abaixo da imagem – tam. 11, espaçamento depois 12 pt, espaçamento entre linha simples);
- As imagens contam na paginação final do artigo;
- Formatos aceitos pela Revista: TIFF, PNG ou JPEG;
- Em caso de imagens digitalizadas, elas deverão obedecer a resolução mínima de 300 dpi, e salvas em um dos formatos acima mencionados;
- Os autores deverão **se responsabilizar pela autorização dos direitos de divulgação das imagens**, além da resolução da mesma. A *Temporalidades* não realizará substituição de arquivos de imagem com problemas de resolução.

### **Exemplo:**



Serão aceitas traduções de textos inéditos para a língua portuguesa, devidamente acompanhadas da autorização de tradução do texto original;

- O texto original deve ser anexado na submissão.
- O título é opcional. Nesse caso, as **referências completas do texto traduzido** devem aparecer abaixo desse título;
- Também serão aceitas traduções cujo título seja a própria referência do texto traduzido;
- É preciso especificar, em nota de rodapé, o tipo de tradução realizada: completa, parcial ou abreviada (nos dois últimos casos é necessário especificar as partes traduzidas e as excluídas).

- **Modelo de Tradução formatado:**

[https://drive.google.com/file/d/17iVtd\\_faxFbTuFSg4WKxU98H5EvrK1U9/view](https://drive.google.com/file/d/17iVtd_faxFbTuFSg4WKxU98H5EvrK1U9/view)

## 8. TRANSCRIÇÕES COMENTADAS DE DOCUMENTOS:

- A *Temporalidades*, na seção de transcrição documental comentada, tem como objetivo publicar fontes inéditas e de relevante contribuição para os estudos históricos.

**Aceitaremos somente transcrições realizadas na íntegra**, sendo que **não há limites de páginas para o documento transcrito**;

- A transcrição do documento deve ser acompanhada de **um comentário de no mínimo 3 e no máximo 6 páginas**, que apresente a fonte pesquisada:
  - autor deve indicar a notação e Instituição de Memória na qual a fonte se deposita (textualmente ou em nota de rodapé);
  - suas formas de acesso, os motivos de sua escolha;
  - avaliá-la por meio dos procedimentos pertinentes envolvidos na sua feitura, os órgãos e/ou instituições produtoras;
  - A análise deve apresentar as possibilidades de pesquisa apresentadas pelo documento e seu diálogo com a produção historiográfica.

### 1. Formatação das transcrições:

- O título é opcional. Nesse caso, as **referências completas do texto transcrito** devem aparecer abaixo desse título;
- Também serão aceitas transcrições cujo título seja a própria referência do texto transcrito;

- Espaçamento 1,5, fonte Garamond 12, seguindo necessariamente a estruturação e disposição do documento transcrito, ou seja, **obedecendo a sua divisão paragrafada, de linhas e paginação**;
- As páginas devem ser indicadas, no corpo da transcrição, entre colchetes e em itálico. Exemplo: [fl. 24], [fl. 24vfl. 17, em branco];
- Se o texto transcrito não possui paginação, o proponente deve paginar;

**Obs.:** Para a transcrição documental, a *Temporalidades* solicita aos proponentes a consulta das “Normas Técnicas para transcrição e Edição de Documentos Manuscritos”, que se encontra disponível em formato PDF na seção “Diretrizes para Autores” da Revista, a mesma onde se encontra este presente arquivo.

- Normas Técnicas para transcrição e Edição de Documentos Manuscritos:  
<https://drive.google.com/file/d/0B3fXGJPILUnkNGdjTkxMX3ZLSjQ/view>

## 2. Algumas Convenções:

- Para terminologias não precisas e lacunares nos documentos, o transcritor deverá indicar a palavra "ilegível" em itálico entre colchetes [*ilegível*]. Diante da possibilidade de observar parte desta palavra e inferir sobre a mesma, poder-se-á grafá-la em itálico entre colchetes [ ];
- As partes do documento danificadas por corrosão de tinta, umidade, rasgos ou corrosões por insetos deverá ser indicada pela expressão "corroído" em itálico acrescido da dimensão da perda de informações: [*corroídas ± 9 linhas*];
- Qualquer inferência dos produtores do documento ou de seus manipuladores deve ser inserida no texto entre os sinais <...> e também explicações em notas de rodapés;
- As assinaturas em raso ou rubricas serão transcritas em itálico;
- Os sinais públicos serão indicados entre colchetes e em grifo: [*sinal público*];
- Os selos, sinetes, lacres, chancelas, estampilhas, papéis selados e desenhos serão indicados de acordo com a sua natureza entre colchetes e grifado: [*estampilha*];
- Os dizeres impressos e o valor das estampilhas serão transcritos dentro de colchetes e em grifo: [*estampilhas*].

- **Modelo de Transcrição formato:**

[https://drive.google.com/file/d/11ADLaVLUzZBoWFy\\_ogpjMz68tQvY43K-/view](https://drive.google.com/file/d/11ADLaVLUzZBoWFy_ogpjMz68tQvY43K-/view)

## **9. OBSERVAÇÕES FINAIS:**

As revisões dos textos são de responsabilidade dos respectivos autores. Os textos somente serão considerados aceitos após se ajustarem a todas as normas de formatação. Em caso de adaptação pelos editores das normas de publicação acima, estas serão feitas sem consulta. Não é de responsabilidade dos editores ou dos pareceristas revisão e correção gramatical e ortográfica, sendo obrigatoriamente função do autor;

Os direitos autorais dos artigos publicados pertencerão aos respectivos autores e estes não receberão nenhuma remuneração, pois a *Temporalidades* não tem fins lucrativos.

Ao enviar seu artigo, o autor declara estar ciente e de acordo com todas as especificações acima.

